

EM MEMÓRIA DE ANGELINA DOS SANTOS

Por Wander Shirukaya

de tanto morrer antes
foice veloz no pescoço
de vez

Vamberto Spinelli Júnior, “para sui e cida”.

O homem esperava ansioso do lado de fora do banheiro. Volto, já, não demoro, meu amor. Como um cavalheiro aguardava, abrindo um champanhe. Angelina se olhava no espelho, observava com atenção. Os sapatinhos de cristal, caríssimos; as meias finas delineando as pernas grossas e tenras, marcas preciosas de seus vinte e dois anos; o vestido branco cravejado de pequenos pontinhos cintilantes, o colar mergulhado no busto com uma discreta esmeralda em seu centro; as luvas tão alvas quanto o vestido, trêmulas por causa das mãos; o rosto com maquiagem impecável, leve sombra azulada adornando os olhos cor de mar, que brilhavam mais que a tiara de brilhantes à testa, como querendo se lavar, lavar-se na pequena gota de lágrima que escorria, indo parar perdida entre as rosas do buquê. Parabéns, Angelina.

Por sinal, o banheiro parecia ter sido criado para coadunar-se à beleza de Angelina. Muito espaçoso, mas bem sabia ela que, por maior que fosse este, não conteria seus sentimentos querendo explodir. Retocava a maquiagem com o dedo mínimo. Lágrima chata. O som de piano percorre o banheiro, vem de fora. Ele pusera música clássica para a ocasião. Ploc! Esse estalo deve ser outro champanhe sendo aberto... Ela sorriu ao ouvir-lhe a voz. Já está pronta, meu anjo? Calma, meu amor! Estou indo, disse ela sorrindo para si ao espelho, atenta para a beleza, atenta para as pérolas, atenta para seu belo sorriso.

Belo?

A parábola formada pelo belo sorriso esvaneceu-se aos poucos, sobrou uma linha reta e sem muita expressão. As duas mãos forçaram o buquê. Ai! Sentiu um espinho lhe fisgar o dedo, tal qual um sinal. Olhou-se ainda mais pelo espelho. Que é que eu estou fazendo aqui? Deu alguns passos para trás, quase tropeçou em sua grinalda. Querida! Aconteceu alguma coisa? Eu... já estou indo, meu amor! Deparando-se com o fato de não poder mais se esconder, pensou em atirar o buquê no vaso; acabou apenas por colocá-lo próximo à banheira, com delicadeza. Abriu a porta, arqueando antes os cantos dos lábios para cima.

Seu homem admirou-se ao ver a bela vindo do corredor em direção ao quarto. Os olhos dela pareciam buscar algo mais distante, atravessando tudo, cortando as caprichadas cortinas de seda azulada que tremulavam leves com o pouco vento que vinha da janela entreaberta. Mal viam os quadros de muito bom gosto na parede, os tapetes felpudos que a conduziam para a

cama que mais parecia uma intensa reunião de plumas formando um perfeito ninho de amor, em que se encontrava o homem de posse de duas taças de champanhe. Seus ouvidos não buscavam as melodias que retalhavam o quarto, insinuantes e sedutoras por excelência. Ela não estava ali, tanto que parou pelo caminho. O coração pulsando no seio. Tinha mesmo que ser assim?

Angelina pensava e repensava em seu mundo aquilo tudo, a emoção, o sentimento, o luxo. Eu não mereço tudo isso, meu Deus. Mais uma vez a lágrima foge, como quem diz para que fugisse. O que estou fazendo da minha vida? E respirava fundo e expirava e pensava e não sabia que ordem seguia para estas ações que se costuravam no tremer dos pés, no coração que não queria, na razão que a retalhava fria e severa na promessa de um final feliz. Por um final feliz, é, eu tenho que fazer isso. Os pensamentos de Angelina enfim a conduziram ao seu homem, senhor bem apanhado, elegante, um primor, cavalheiro por excelência. Isso tudo é alegria, é? A lágrima que viu não conseguia responder, mais um meigo sorriso se seguiu na tentativa. Um gole da bebida, a mão envolvendo a cintura, o beijo quente na nuca. Vem, meu amor... Tenho que fazer isso. Por ele, meu filho, apenas.

O sorriso de Angelina se portava em idas e vindas, de acordo com o olhar do homem que tirava o smoking. Agarrava forte sua cintura, deslizava a mão por suas pernas. O sussurro era encoberto pelo som do piano; para ela mais parecia o sussurro um grito. Ele se sentia mais forte ao perceber o gemer. Angelina puxou as luvas, cravou as unhas no corpo dele, apertava forte. Vem, meu amor! As taças delicadamente postas no criado-mudo que não falava, mas se deleitava com tamanha beleza na cena. A cena arde, o vestido ferve, os lábios tremem. Ela chama, nem se agüenta em pé, ele atende rompendo-lhe o vestido.

O seio à mostra, o corpo arrepiado do frio do beijo, do frio da janela querendo conter o fervor. Ele a penetrou, um cavalheiro até nisto, seguiu-se o gemido de Angelina, um dos mais carregados de lágrima que já se ouvira. Ao fim do ato, ambos nus entre os lençóis com bordados de anjo, Angelina deitada com a cabeça no ombro dele, ainda ofegante. Meu, Deus, o que estou fazendo aqui? E os pensamentos de Angelina vertiam lágrimas mornas que chamaram a atenção. Por que o choro? Nada, meu amor! Estou feliz! Relaxe. O sorriso sem sal ia e voltava durante a conversa. Ele já pegava no sono quando percebeu o corte da música, ela de pé, desligando. Vou ao banheiro, já volto. E no banheiro se olhou novamente ao espelho, não se reconhecia, seminua, os olhos borrados do azul da maquiagem, das lágrimas, do suor. Uma lágrima correu novamente, implorando para ser morta. Me mate, Angelina, me mate, me mate!

— Aaaaah!

O grito ecoou forte na noite, dentro e fora do imenso banheiro, o sangue nas mãos, obra do golpe direto no espelho, os cacos de vidro escorrendo como lágrimas. Ele empurra a porta que estava entreaberta, ela chorando sentada no vaso. Por ele, meu Deus, por ele. Esses pensamentos a fizeram engolir o choro, sorrir novamente para seu homem. Desculpa, meu amor! Vem cá.

O homem a chamou de volta para cama, pegou as calças para se vestir. Você não está bem. Não gostou? Ela mais muda, sorrindo ainda sem graça, enrolando uma tira de pano na mão. Kelly, você sabe que isso não estava previsto, não sabe? Angelina fez que sim, enquanto punha a saia e uma blusa. Não se preocupe, tá? Gostei tanto de você que não vou descontar os estragos. Ele abriu a carteira, ela recolheu o valor em sua bolsa. Quer que te deixe em algum lugar? Me deixa na Avenida de Todos os Santos, perto da ponte. Por favor, desculpa, senhor. Tudo bem, meu anjo.

WANDER SHIRUKAYA (SÃO PAULO / PARAÍBA) – Escritor. Publicou: *Balelas* (Contos, Mutuus, 2011). Mestrando em Letras na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Membro do Núcleo Literário Caixa Baixa.